



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE LETRAS, ARTES, JORNALISMO, TEATRO E LIBRAS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

ANACI PANTOJA COELHO
MARIA ESTER DA SILVA RAMOS

MAQUIAGEM E TRAJE DE CENA NO ESTADO DO AMAPÁ:
UM ESTUDO SOBRE O GRUPO IMAGEM E CIA

MACAPÁ/ AP

2019

ANACI PANTOJA COELHO
MARIA ESTER DA SILVA RAMOS

**MAQUIAGEM E TRAJE DE CENA NO ESTADO DO AMAPÁ: UM
ESTUDO SOBRE O GRUPO IMAGEM E CIA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Amapá para fins de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Tendo como orientador o Prof. Me. Wellington Douglas Dos Santos Dias.

MACAPÁ/ AP

2019

ANACI PANTOJA COELHO
MARIA ESTER DA SILVA RAMOS

**MAQUIAGEM E TRAJE DE CENA NO ESTADO DO AMAPÁ: UM
ESTUDO SOBRE O GRUPO IMAGEM E CIA**

Conceito Final: 9,7

Macapá-AP, em 21 de Dezembro de 2019

BANCA EXAMINADORA:

Professora Esp. Arnanda Oliveira

Professora Ma. Tainá Macedo Vasconcelos

Orientador – Professor Me. Wellington Douglas dos Santos Dias

AGRADECIMENTO

Agradecemos principalmente a Deus, pela força e coragem para que pudéssemos vencer todos os obstáculos e dificuldades enfrentadas durante o curso, aos queridos colegas de turma, aos docentes do colegiado de teatro da UNIFAP, ao grupo Imagem e Cia, à banca examinadora, ao nosso Orientador, nossos familiares e todos que de forma geral contribuíram para a realização deste trabalho. Nossa eterna gratidão!

“A vida é uma peça de teatro que não permite ensaios. Por isso, cante, chore, dance, ria e viva intensamente, antes que a cortina se feche e a peça termine sem aplausos. ”

Charles Chaplin

RESUMO

A presente monografia parte de um estudo sobre maquiagem e traje de cena no grupo Imagem e Cia no estado do Amapá, evidenciando o papel destes elementos em duas criações artísticas do grupo, bem como um estudo dos materiais e técnicas pesquisadas por este coletivo artístico que inicia seus trabalhos na linguagem da performance com estátuas vivas. Desta maneira, abordaremos aspectos da pesquisa do grupo com relação às estátuas vivas e focaremos na análise de dois espetáculos: “A Era: um desmedido olhar sobre o infortúnio destino” e “Os Viajantes”, nesses dois trabalhos a pesquisa de traje de cena se baseou em materiais recicláveis, customização de peças de roupas, enquanto que a pesquisa de maquiagem levou o grupo a trabalhar com produtos naturais como argila e produtos industrializados. Como forma de contribuir com a pesquisa de maquiagem e traje de cena, produzimos uma cartilha com conceitos básicos sobre essas áreas, bem como passo a passo de algumas técnicas voltadas para criação de maquiagem e traje de cena no teatro. Nesta pesquisa acerca do trabalho do grupo Imagem e Cia se buscará diálogos com reflexões de autores como: CEZIMBRA (2017), MACIEIRA (2013) VIANA (2014), MAGALHÃES (2014), dentre outros.

Palavras-chave: Maquiagem. Traje de cena. Grupo Imagem e Cia

ABSTRACT

The present monograph starts from one study about make up and costumes in the group "Imagem e Cia" in the state of Amapá, highlighting the role of these elements in two group artistic creations, as well as a study of materials and techniques searched for this artistic collective that begins his work in the language of performance with living statues. In this way, we will talk about aspects of the group's research into the living statues and we will focus on the analysis of two shows: "A Era: um destemido olhar sobre o infortúnio destino" and "Os Viajantes", in these two work the search of scene costume was based in recyclable materials, customization of clothes, while the research of makeup took the group to work with natural products as clay and industrialized products. As a way to contribute with the research of makeup and scene costumes, we produced a primer with basic concepts on these areas, as well as step-by-step techniques for creating makeup and scene costume in the theater. This research about the work of the group "Imagem e Cia" will seek dialogues with reflections from authors such as: CEZIMBRA (2017), MACIEIRA (2013) VIANA (2014), MAGALHÃES (2014), among others.

Keywords: Make up. Costume. Imagem e Cia Group

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Vestido de escama de peixe.....	24.
Figura 2: Figurino séc. XIX, personagem mãe.....	29.
Figura 3: Figurino, personagem mãe.....	29.
Figura 4: Traje de cena do século XIX.....	30.
Figura 5: Figurino personagem menina.....	30.
Figura 6: Figurino personagem menina.....	30.
Figura 7: Composição e caracterização, anjo.....	31.
Figura 8: Maquiagem do século XIX, Mãe.....	32.
Figura 9: Maquiagem Mãe do ano 2012.....	32.
Figura 10: Menina sendo maquiada.....	32.
Figura 11: Maquiagem menina do ano de 2012''.....	32.
Figura 12: Maquiagem do personagem anjo.....	33.
Figura 13: Aplicação de pancake, personagem anjo.....	33.
Figura 14: Traje de cena personagem Alien.....	38.
Figura 15: Foto do elenco "Os viajantes".....	39.
Figura 16: Personagens Astronauta Cientista e Buda.....	40.
Figura 17: Obra de Arthur Bispo do Rosário.....	40.
Figura 18: Confeção do figurino Astronauta Buda.....	41.
Figura 19: Peixe Garoupa.....	41.
Figura 20: Maquiagem inspirada em seres aquáticos.....	42.
Figura 21: Maquiagem Alien.....	42.
Figura 22: Face Chart, maquiagem, personagens Seres em formação.....	44.
Figura 23: Maquiagem artística, personagem seres em formação.....	44.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1	11
O GRUPO IMAGEM E CIA.....	11
1.1- O PAPEL DA MAQUIAGEM E TRAJE DE CENA NOS TRABALHOS DO GRUPO	14
1.2- EXPERIÊNCIAS E MATERIAIS INVESTIGADOS PARA CRIAÇÃO DE TRAJE DE CENA E MAQUIAGEM NO GRUPO	17
CAPÍTULO 2	22
A MAQUIAGEM E TRAJE DE CENA NO ESPETÁCULO “A ERA”	22
2.1- O TRAJE DE CENA NO ESPETÁCULO “A ERA”	28
2.2 A MAQUIAGEM NO ESPETÁCULO “A ERA”	31
CAPÍTULO 3	34
A MAQUIAGEM E TRAJE DE CENA NO ESPETÁCULO “OS VIAJANTES”	34
3.1- O TRAJE DE CENA NO ESPETÁCULO “OS VIAJANTES”	37
3.2- A MAQUIAGEM NO ESPETÁCULO “OS VIAJANTES”	41
CAPÍTULO 4	45
OFICINA E CARTILHA MAQUIAGEM E TRAJE DE CENA: A CONSTRUÇÃO DE UM GUIA PRÁTICO PARA INTERESSADOS EM CONCEITOS, TÉCNICAS E EXPERIÊNCIAS NESTAS ÁREAS DA LINGUAGEM CÊNICA.	45
CONCLUSÃO	50
BIBLIOGRAFIA.....	52

INTRODUÇÃO

No decorrer de nossa graduação foi notório a escassez de referências e estudos voltados a respeito da maquiagem e traje de cena na prática artística dos grupos de teatro amapaense. Por isso, partimos desta reflexão inicial com desejo de estimular amplamente as pesquisas artísticas nessas áreas no estado do Amapá.

Nosso trabalho é sobre o grupo Imagem e Cia, atualmente composto por 27 integrantes, em 12 anos de trabalhos com estátuas vivas, teatro, dança, clown, música, artesanato, audiovisual, fotografia, dentre outras linguagens.

Temos como principal objetivo nesta pesquisa sobre o grupo, focar a maquiagem e o traje de cena nos espetáculos “A Era: um desmedido olhar sobre o infortúnio destino” e o “Os viajantes”, abordando também a influência e importância da pesquisa de estátuas vivas que deu origem ao grupo.

No espetáculo “Era” a maquiagem tinha como objetivo de realçar os traços das fisionomias dos atores e atrizes para a construção das personagens e parte de seus trajes de cena eram compostos por materiais recicláveis que tiveram sua construção desenvolvida de forma coletiva pelo grupo, utilizando principalmente técnica de customização.

No espetáculo “Os viajantes” a pesquisa do grupo no que diz respeito à maquiagem, traz a criação de próteses faciais, lentes, técnicas de luz e sombra, entre outras. E diferentemente do espetáculo “Era” os figurinos de “Os viajantes” foram elaborados e confeccionados por cada ator e atriz, conforme a proposta da direção do espetáculo que pretendia dar autonomia ao processo criativo de construção e caracterização dos personagens pelos seus intérpretes.

Ao final deste estudo sobre maquiagem e traje de cena nos referidos espetáculos do grupo Imagem e Cia, propomos uma cartilha sobre conceitos básicos e técnicas artísticas livremente inspiradas nesses trabalhos do grupo e na pesquisa de autores contemporâneos dessas duas componentes da arte teatral. Para a construção da cartilha, desenvolvemos uma oficina de maquiagem e traje de cena com crianças e adolescentes na Associação Sócio Cultural Companhia Cangapé em Macapá (AP) de forma a expandirmos nossa pesquisa teórico prática junto à sociedade amapaense.

CAPÍTULO 1

O GRUPO IMAGEM E CIA

O grupo Imagem e Cia iniciou com 8 (oito) pessoas, que se conheceram através das oficinas de teatro da Escola de Artes Cândido Portinari, no período de 2006 a 2008, atualmente, Centro Profissionalizante de Artes Visuais Cândido Portinari em Macapá, no Amapá. Alguns dos integrantes já haviam participado de oficinas de artes da instituição em anos anteriores, e, motivados pelo universo artístico desenvolveram confiança mútua e amizade desde então.

Para Mary Paes (integrante do grupo), a afinidade foi tanta que após a festa de aniversário dela, surgiu a proposta de montar um grupo por parte da professora Rosana Olívia Medeiros de Oliveira Souza¹ e daqueles que tinham o ideal de desenvolver um trabalho coletivo.

No dia 26 de outubro de 2007, em Macapá, nasceu então uns novos grupos artísticos independentes denominados na época “Associação Cultural Imagem e Cia - ACIC².”, e juntos buscaram um símbolo para o grupo, que é o desenho de uma ave. Para alguns integrantes, tal desenho aparenta ser um pombo, uma borboleta ou árvore e para outros significa a ave fênix³ que ressurgue das cinzas. São palavras de uma das fundadoras do grupo, Débora Bararuá⁴ que define ainda o significado de “imagem” como “aquilo que você tem de referência sobre alguma coisa, para o grupo tudo é imagético, principalmente no campo das artes”, na qual a visualidade no campo das artes é repleta de subjetividades.

Vasconcelos (2016, p. 17) diz que “no teatro, a imagem enquanto representação visual está presente do início ao fim, pois o espetáculo cria imagens diferentes a cada movimentação do ator, da iluminação e do figurino em relação ao cenário”. É perceptível o quanto que o teatro é uma arte de intensas relações imagéticas, pois sua comunicação para com os espectadores (além dos outros sentidos corporais: audição, tato, paladar e olfato) se dá através da visualização de imagens que são criadas no espaço cênico pelos movimentos corporais dos atores, desenhos de luz, cores e volumes de trajes de cena e maquiagens, etc.

¹ Rosana O.M. Souza – Diretora adjunta da E. Profissionalizante Cândido Portinari, no ano de 2008.

² Associação Cultural Imagem e Cia (ACIC) foi o primeiro nome dado ao grupo.

³ Fênix é um pássaro lendário da mitologia grega, que morria, mas depois de algum tempo renascia das próprias cinzas. O pássaro fênix, antes de morrer, entrava em combustão, para depois renascer. A fênix também tem o poder de se transformar em uma ave de fogo muito parecida com uma águia.

⁴ Débora Bararuá. Graduada em Administração (CEAP) e Licenciatura em Teatro (UNIFAP).

Neste sentido, o processo de comunicação existente no teatro acontece através da sensibilização dos sentidos dos espectadores (audição, visão, olfato, paladar e tato) que são estimulados por meios dos seguintes elementos técnicos da encenação teatral: iluminação, traje de cena, cenário, maquiagem, sonoplastia, interpretação, encenação, etc.

O trabalho do grupo Imagem e Cia no início de sua história estava baseado na pesquisa pelas artes visuais através da performance de estátuas vivas, na qual davam ênfase na visualidade do corpo do performer com um tipo de maquiagem específica, a pintura corporal associada à composição com trajes de cena geralmente tingidos nas mesmas cores dos pigmentos que cobrem a pele do performer.

A este respeito, do uso do corpo em relação à maquiagem, a professora e pesquisadora Mona Magalhães (2004) nos fala que “o corpo humano é tanto um vetor da sociedade, quanto um vetor da relação com outro. ” Neste sentido Fontanille apud Mona Magalhães (2011), dizendo que “o corpo passa a ser simultaneamente objeto e suporte, como também principal abrigo das lógicas do sensível”.

Entendemos que o trabalho com estátuas vivas é o ponto de partida da pesquisa do grupo e um norteador para as criações teatrais que o grupo vem desenvolvendo desde sua fundação, ficando evidente a importância da visualidade corporal e potência de significados que a maquiagem e o traje de cena provocam nos trabalhos do Imagem e Cia.

O grupo, através do seu trabalho com estátuas vivas já representou o estado do Amapá nas regiões Norte e Nordeste no evento Arte Performática de Estátuas Vivas, no Fórum Social Mundial em 2009 em Belém do Pará e em instituições como a Assembleia Legislativa do Amapá, Sambódromo de Macapá, Feira Estudantil da Faculdade SEAMA, SESC Araxá, entre outras.

Para a Débora Bararuá “as estátuas vivas são performances de rua em diálogo com as artes visuais, esculpindo obras de alguns autores ou temas escolhidos para serem trabalhados com movimentos estáticos” Desta forma, o corpo do *performer* em harmonia com a maquiagem e traje de cena transmite mensagens através de suas figuras e imagens estáticas em meio ao movimento dos transeuntes no espaço público.

Nesta prática artística, os performers precisam de uma preparação física que lhes possibilite passar muitas horas na mesma posição corporal ou com mudanças específicas de

posturas que possam estimular o relacionamento do público com essas obras de arte expostas nas ruas.

Desde sua criação até os dias atuais, o grupo tem como base de sua formação, princípios que contribuam para o desenvolvimento intelectual, artístico e técnico de seus integrantes, cujo foco central é estimular a difusão de arte e cultura na sociedade amapaense, oportunizando o acesso do público a diversas linguagens artísticas em espaços públicos e privados.

O grupo já produziu diversos trabalhos em diferentes linguagens artísticas, porém as dificuldades para se fazer e viver profissionalmente de arte e cultura no estado do Amapá e até mesmo no Brasil nos últimos tempos tem se tornado um grande desafio para todos.

Esses são alguns fatores que segundo o grupo explicam as tensões vivenciadas para manutenção de suas atividades: nem todos os integrantes do Imagem e Cia possuem a mesma disponibilidade de tempo para se dedicar exclusivamente aos trabalhos do grupo, outro fator é a pouca disponibilidade e elevados preços de materiais no comércio em Macapá voltados para o trabalho profissional com maquiagem artística, se compararmos com grandes centros urbanos de outros estados brasileiros; além da escassez de amplas políticas públicas democráticas voltadas para a profissionalização de maquiadores e figurinistas no estado do Amapá.

O grupo, diante das dificuldades de permanecer ativo e desenvolver seus trabalhos decidiu obter dinheiro através de suas apresentações em espaços públicos e venda de seus trabalhos para instituições particulares, para construir um caixa exclusivo para compra de maquiagens, acessórios, trajes, dentre outros materiais, haja vista que os recursos financeiros para as experimentações artísticas do grupo vinham na maioria das vezes dos próprios integrantes.

As dificuldades em encontrar materiais especializados para maquiagem artística na cidade de Macapá fizeram com que o grupo iniciasse pesquisas e experiências de criação de maquiagens próprias, através de testes de materiais e produtos que encontravam disponíveis no comércio e na natureza local.

Entretanto, em uma dessas experiências, a integrante do grupo (Débora Bararuá) foi acometida de irritações na pele devido ao uso inadequado de produtos com alto teor de chumbo,

como o pó de anjo⁵ ou purpurina extrafina. Na ocasião, ela procurou um médico dermatologista que diagnosticou o excesso desses produtos na pele dela, recomendando que suspendesse o uso deste material. A partir deste fato, o grupo começou a pesquisar maquiagens artísticas com produtos naturais como a argila e cosméticos com garantia de segurança pelos seus fabricantes para uso direto na pele humana.

1.1- O PAPEL DA MAQUIAGEM E TRAJE DE CENA NOS TRABALHOS DO GRUPO

A maquiagem, vindo do francês “maquiller” originou-se a palavra maquilagem e maquiagem, sendo as duas formas corretas. A palavra maquiagem significa a arte de embelezar, decorar, pintar o rosto e o corpo com produtos cosméticos, produtos naturais como a argila, urucum e folhas, etc. podendo ser trabalhado técnicas que consiste em jogos de luz, cores e sombras que harmonizam os traços e realça as feições humanas.

Pavis argumenta que:

No teatro, a maquiagem assume o relevo particular, visto ser o último toque nos preparativos no rosto do ator e porque contém uma série de informações. [...] Quaisquer que sejam as técnicas, a maquiagem adapta a cor da pele à iluminação cênica; portanto, ela evolui com a introdução da iluminação a gás e, depois da luz elétrica (PAVIS, 2007, p.231).

Para o teatro, a maquiagem é um elemento que faz parte da composição do espetáculo, um instrumento fundamental que auxilia na criação do personagem e na transformação estética dos atores. O maquiador é o responsável pela pintura do rosto ou do corpo dos atores e atrizes, e dependendo do grupo ou espetáculo ele é aquele que centraliza a pesquisa e executa a criação artística a partir dos materiais e técnicas que serão empregados para a composição visual de cada personagem em diálogo com os demais profissionais responsáveis pelo cenário, traje de cena e iluminação.

Com o advento da luz elétrica no final do século XIX e início do século XX os teatros do ocidente passam a dispor de maiores recursos técnicos para se explorar as expressividades dos trajes de cena, maquiagem e cenografia. Desta maneira, todos esses elementos ampliam possibilidades de diálogos entre si dentro do espetáculo teatral, pois dependendo da iluminação

⁵ Popularmente conhecido como purpurina extrafina é um pigmento utilizado para efeitos metálicos em diversas superfícies como madeira, tela de pintura, gesso, cerâmica, couro, isopor entre outras superfícies. Também utilizada na recuperação de peças com efeito metálico ou pátina. Proibido usar na pele.

cênica, tanto o traje de cena quanto a maquiagem de um ator ou atriz pode ser completa ou parcialmente modificada em cena.

Vale salientar, que trabalharemos nesta pesquisa com a noção de traje de cena para nos referirmos ao que costumeiramente também é chamado de figurino no meio teatral. A noção de traje de cena vem sendo desenvolvida e proposta pelo pesquisador Fausto Viana por ser mais abrangente, no que diz respeito a vestimentas usadas pelos artistas em diversas linguagens cênicas como o teatro, a dança, o circo, dentre outras.

Viana (2015, p. 06) esclarece dizendo: “que você pode falar figurino, não há problema algum, você vai ser entendido. Para nós, figurino são gravuras que vinham impressas nas revistas de moda no século XIX ou uma forma de expressão que já caiu no uso popular (...)”. Porém toda cena em que um artista estiver usando um traje vai ser denominado traje de cena.

Para Pavis:

O figurino, sempre presente no ato teatral como signo da personagem e do disfarce, contentou-se por muito tempo como simples papel de caracterização encarregado de vestir o ator de acordo com a verossimilhança de uma condição ou situação. [...] Desde que aparece em cena, a vestimenta converte-se em figurino de teatro: põe-se a serviço de efeitos de amplificação, de simplificação, de abstração e de legibilidade. (PAVIS, 2007, P.168)

Logo, o figurino deixa de ser apenas instrumento de caracterização, e passa a compor a cena, permitindo desta forma uma ampliação do seu uso e (re) significação simbólica dentro das experiências teatrais, passando de figurino a traje de cena.

Ao olhar o traje de cena, o espectador pode, através das formas, cores e texturas ter um olhar diferenciado e várias leituras sobre as personagens, inclusive a situação econômica, política e social delas, indicando a região geográfica onde se encontram, cultura, sociedade, estilo de vida, seus aspectos psicológicos, estação climática onde se passa a ação teatral, enfim, uma riqueza de elementos necessários para aguçar no público sentidos e percepções sobre o espetáculo.

Desta forma, o traje de cena para o grupo Imagem e Cia é um dos elementos cênicos que requer um estimado apreço na sua pesquisa artística, mesmo antes da maquiagem, pois os signos, posturas corporais e objetos cênicos utilizados por exemplo na composição das estátuas vivas pediam um traje de cena mais elaborado do ponto de vista visual e harmônico com a pintura corporal.

Ressaltamos, nesta pesquisa o papel da maquiagem e traje de cena nos espetáculos “A Era” e “Os viajantes” por se tratarem de peças que foram construídas em diferentes momentos da história do grupo, onde tanto a pesquisa artística quanto os integrantes estavam se modificando e assumindo novos desafios.

Estes dois trabalhos possuem processos de criação diferentes entre si no que diz respeito à concepção e concretização de seus trajes de cena e maquiagem. Em “Era”, o processo se deu de forma coletiva, onde alguns integrantes (os mais antigos no grupo) compartilhavam seus conhecimentos em maquiagem, confecção de trajes cênicos, customização de roupas, etc. para os mais novos ingressantes no grupo e assim foram construindo coletivamente os conceitos e significados de cada composição de maquiagem e traje de cena das personagens da peça.

Em “Os viajantes” cada ator ou atriz teve a autonomia de criar e propor para a direção do espetáculo a maquiagem e traje de cena de suas personagens e, nesse diálogo entre ator e diretor foi se construindo o processo de elaboração e pesquisa desses elementos em cada personagem e em relação com as demais áreas da encenação (iluminação, cenário, sonoplastia, etc.).

Para Pavis (2007, p. 231): “Figurino vivo do ator, a maquiagem faz o rosto passar do animado ao inanimado [...] Ela joga com a ambiguidade constitutiva da representação teatral: mescla de natural e artificial, de coisa e de signos. ” A maquiagem, tem papel fundamental no grupo, por ter sido uma das primeiras áreas de pesquisa artística do grupo, desde a pintura corporal nas estátuas vivas.

No espetáculo “A Era” a maquiagem é utilizada para realçar contornos de lábios, sobrancelhas além de usar levemente batom nas personagens femininas, em contraste com seus trajes de cena que são de diversos modelos, tecidos e cores.

A respeito dos trajes de cena nesta peça, que vão desde a época medieval até a contemporaneidade, o grupo enfatiza a sua importância no processo de construção dos personagens pelos atores e atrizes. Podemos destacar em Pavis (2007, p. 168) que “na encenação contemporânea, o figurino tem o papel cada vez mais importante e variada, tornando-se verdadeiramente a “segunda pele do ator”.

O traje de cena passa literalmente a compor o corpo do ator, influenciando em seus movimentos e voz, não havendo espaço para dualidade entre traje de cena e ator, não sendo apenas para identificar ou caracterizar as personagens, mas também para contribuir com camadas poéticas para o jogo e interpretação dos atores.

1.2- EXPERIÊNCIAS E MATERIAIS INVESTIGADOS PARA CRIAÇÃO DE TRAJE DE CENA E MAQUIAGEM NO GRUPO

Em 2007 o grupo Imagem e Cia estava engajado em desenvolver a técnica de maquiagem artística corporal feito de pó de anjo e argila para a construção de estátuas vivas. A argila despertou a curiosidade no grupo por muitos fatores, um deles por ser um produto natural e de baixo custo no estado do Amapá.

O grupo foi experimentando a argila em diferentes formas, sendo mais líquida ou mais espessa até chegar no ponto ideal, que atualmente é a líquida e pastosa, capaz de colaborar com a reprodução celular integral da pele, clareando-a, promovendo a esfoliação da mesma, do couro cabeludo, removendo as impurezas do corpo e eliminando sua oleosidade, além desses benefícios citados, a argila é de fácil absorção no tecido, colaborando para o processo de caracterização e customização de trajes de cena.

Os materiais utilizados entre 2007 e 2011 para a criação de pinturas corporais eram o pó de anjo (conhecida como purpurina extrafina) e o óleo corporal (podendo ser amêndoas, babosa e outras substâncias). A mistura de pó de anjo com óleo corporal alcançava o efeito que mais desejavam para os seus trabalhos, tais como: brilhante, iluminado e figuras metálicas.

O grupo Imagem e Cia utiliza o seguinte modo de preparo do pó de anjo: adicionando em um recipiente o pó e aos poucos o óleo corporal, até alcançar consistência pastosa. Seu modo de remoção utilizado é o uso de sabonete, água, shampoo e condicionador que levam de 3 a 4 dias para retirar os resquícios do pó de anjo do corpo.

Como esse pó era difícil de sair do corpo, os integrantes passaram a experimentar outras substâncias para a retirada do produto e descobriram que se removia fácil com pano úmido, hidratante corporal e água.

Nos anos iniciais o grupo Imagem e Cia não tinha o conhecimento sobre técnicas de maquiagem em geral, os produtos eram utilizados diretamente no corpo e uma das integrantes do grupo (Débora Bararuá) foi acometida de uma irritação na pele e imediatamente procurou um dermatologista, onde foi diagnosticado que a pele da mesma apresentava excesso de chumbo e o metal já estava sendo expulso pelo organismo dela, causando ferimentos na pele.

É importante frisar o alerta que este caso trouxe para o grupo sobre os cuidados para com a pele e a saúde de seus integrantes, principalmente no que se refere a tomar maior

conhecimento sobre a composição química dos produtos utilizados em suas pesquisas e experiências com maquiagem. CEZIMBRA apud Eunice Aguiar ressalta que:

É aconselhável dar preferência a produtos naturais e orgânicos, sem substâncias nocivas em sua fórmula. É bom lembrar que a pele, como o maior órgão do corpo humano, guarda nossa história e reage ao primeiro sinal de que algo não vai bem, de que estamos passando por alguns estresses. As consultas periódicas ao dermatologista e ao esteticista são fundamentais (CEZIMBRA, 2017, p. 20)

A partir dos ferimentos causados em Débora Bararuá, o pó de anjo teve seu uso totalmente banido pelo grupo, sendo substituído pela argila. Segundo a integrante, a partir de 2012 o grupo Imagem e Cia passou a trabalhar com a argila verde devido uma experiência de oficina que tiveram em Macapá-AP com um andarilho e artista de rua, de nacionalidade peruana, conhecido como Homem de Barro que trabalhava com este material de passagem pela cidade.

O artista ensinou o passo a passo do processo de tratamento da argila visando o seu uso nas performances de estátuas vivas. No entanto, a sugestão dada por ele não surtiu o efeito desejado pelo grupo, pois perceberam que o material não aguentava as altas temperatura de Macapá. Nos primeiros testes a argila não durava no corpo mais de uma hora, pois começava a rachar e esfarelar, no entanto um dos pontos positivos era o fato de ser um material de fácil remoção.

Na composição da argila há os seguintes minerais: manganês, magnésio, titânio, silício, cobre, zinco, fósforo, potássio, boro, ferro, feldspato, cálcio, sódio, selênio e outros. Por esta razão o grupo resolveu trabalhar com a argila, pois assim conseguiam produzir as seguintes colorações para suas estátuas vivas: cinza, esverdeado, branco amarelado, vermelho alaranjado, entre outros.

Segundo dermatologistas e profissionais que trabalham com tratamentos estéticos para a pele, a argila é um produto natural que não é prejudicial à saúde, deixando a pele macia e hidratada. Vale ressaltar que na cidade de Macapá (AP) ainda é de baixo custo e fácil de ser encontrada tanto nos ambientes naturais quanto no comércio local.

Desde então a argila passou a ser um dos produtos mais utilizados pelo grupo, que foi fazendo testes até achar um modo adequado para o uso dela nas suas estátuas vivas. Tais como:

1º processo: adicionar água fervente à argila dentro de um recipiente (balde de plástico) e deixar esfriar; ao esfriar adicione a água gelada para eliminar as bactérias. Necessário espremer a argila no pano. É importante que a argila não seja armazenada em recipiente de

metal ou venha a ter contato com objetos metálicos; deve ser guardada em potes de vidro e regularmente a cada dois dias exposta ao sol em ambiente seco.

2º processo: 500 ml de hidratante adicionado à argila até ficar pastosa. Colocar em ambiente sem umidade, luz solar e adicionando mais hidratante durante a manutenção, a argila pode ser usada até 1 mês e fazer a manutenção a cada dois dias. O grupo utiliza na maioria de suas estátuas vivas o tecido *voil* por ser um material leve e transparente, que garante fácil absorção de pigmentos e secagem rápida.

No início de suas atividades, o grupo Imagem e Cia se apresentava frequentemente em locais públicos, na cidade de Macapá, onde as temperaturas são elevadas na maior parte do ano, e por conta disso a pesquisa de traje de cena e maquiagem (pintura corporal) do grupo se baseou em tecidos leves como o *voil* e tule. A cobertura da pele com argila por se tratar de um material que adere com maior facilidade na pele e nesses tecidos. Ao final de cada apresentação, o grupo passava o chapéu para as pessoas depositarem dinheiro espontaneamente, sendo que essa arrecadação era para uso exclusivo nas compras de materiais para a criação de pintura corporal e trajes de cena para os trabalhos do grupo.

Magalhães nos diz com relação à pintura corporal:

Analisar a distribuição de formas no espaço, o uso das cores, a textura das pinceladas, os recursos de luminosidade e sombreamento, as interações e contrastes plásticos como recursos capazes de construir categorias significantes associadas a significados e, nas relações entre signos assim constituídos, a organização sêmio-narrativa e discursiva que faz um quadro existir como texto, como um “todo de sentido” (MAGALHÃES 2011, p.50 apud Lúcia Teixeira, 2004, p.233).

Com relação a pintura corporal, a autora analisa que o uso de materiais, cores e texturas na maquiagem que se destina a ser pintura corporal precisa dialogar com outros fatores e elementos externos presentes no espaço onde uma figura ou estátua viva irá se posicionar, seja no ambiente público a céu aberto ou ambiente fechado.

Nas performances de estátuas vivas a maquiagem corporal é estudada de forma técnica, analisando também o horário de apresentação, se vai ser apresentado de manhã, de tarde ou à noite, e como a luz e suas qualidades irão interferir (ou não) na composição visual da estátua.

Este tipo de performance artística foi a base e o carro-chefe dos primeiros trabalhos desenvolvidos pelo grupo e a partir dela foram surgindo outras criações.. Vale salientar, portanto, que esse trabalho exige uma compreensão sobre as pinturas corporais.

De acordo com Mona Magalhães (2011, p.07): “a maquiagem e a pintura corporal são linguagens usadas em textos, os quais, por sua vez, são dotados de significação”. O corpo humano é regado de significados, principalmente, quando serve de suporte para a exibição de uma estética artística. Para isso é importante compreender, que a pintura corporal nem sempre é aplicada ao corpo totalmente nu. Ela também pode ser aplicada para o menor pedaço de pele, de costas, mãos, peito e rosto.

O grupo em estudo tem as artes visuais como base de sua criação com as estátuas vivas, dialogando assim com conceitos presentes na *body art* (do inglês, arte do corpo), que se caracteriza por ser uma manifestação nas artes visuais onde o corpo do próprio artista pode ser utilizado como suporte ou meio de expressão.

A autora Priscylla Piucco afirma:

A ‘*body art*’ (arte do corpo) surgiu no fim da década de 60 como uma manifestação nas artes visuais, colocando o artista numa posição onde poderia usar o próprio corpo para expressar sua arte. É uma vertente da arte contemporânea de *performance*, não tratando do corpo na obra, mas usando o corpo como suporte para a obra. (PIUCCO, Ed.05, 2014).

A prática da *body art* foi disseminada no Brasil por vários artistas, há obras de Lygia Clark (1920-1988), que desenvolveu experiências sensoriais, sinestésicas e táteis, como *A Casa É o Corpo* (1968), e alguns trabalhos de Antonio Manuel (1947) e Hudinilson Jr. (1957-2013).

A pintura corporal é explorada há muito tempo por algumas etnias indígenas, visto como cultura e religiosidade, a maior parte delas extrai da floresta produtos naturais para feitura de pigmentos que servirão para tingir o corpo de guerreiros, xamãs e demarcar rituais de passagem, festividades e cerimônias importantes para estes povos.

No Amapá tem-se como referência o grupo Imagem e Cia que trabalha desde 2007 com performances de estátuas vivas utilizando pinturas corporais com argila e produtos industrializados. A pintura corporal em estátuas vivas vem sempre dialogando com os trajes vestidos pelo artista, se a cor do traje é branca, certamente as partes de seu corpo que ficarão à mostra serão pincelados de branco. Neste sentido é possível perceber que há um emprego de noções de visagismo no trabalho de estátuas vivas desenvolvido pelo grupo Imagem e Cia.

O visagista Trindade afirma que:

Caracterização tem duas possibilidades: uma de criar o personagem, fazendo com que uma pessoa interprete outra; e no outro ponto, uma pessoa que é, por exemplo, muito séria continuar com uma aparência séria, uma pessoa que é muito divertida continuar divertida, é a caracterização ou a formatação da postura pessoal. (TRINDADE, 2017).

Portanto, ao estudar o visagismo e conhecer cada estrutura óssea do rosto podemos valorizar, realçar uma maquiagem artística ou até mesmo a deformidade de um rosto para o teatro usando técnicas que dialogam com o traje de cena e maquiagem. Segundo Aguiar (2003, p.155): “Visagismo é um novo conceito no estudo de linhas, ângulos, formas e cores aplicadas em técnicas profissionais de cabelo, maquiagem, que busca um visual equilibrado e personalizado entre biótipo, idade e ambiente sociocultural ”

O visagismo é um conceito atualmente muito utilizado para fins estéticos e na área teatral, pois ambas trabalham com a personalização da imagem, dentro de técnicas usadas para valorizar a beleza de um rosto pela concepção harmônica entre a maquiagem e o penteado que faz parte da composição de figura ou personagem em questão.

O termo visagismo foi criado em 1936 por Fernand Aubry (1907 – 1976), um francês maquiador e cabeleireiro que viu a possibilidade de fazer arte esculpindo rostos através do cabelo e da maquiagem.

É imprescindível que o profissional da área da maquiagem e os próprios atores possam ter conhecimentos sobre visagismo a fim de conhecerem cada linha expressa no visual de uma personagem. Assim facilita para compor o visual e a construção da personagem, na busca pela harmonia e diálogo de elementos, cores e traços representativos da personalidade humana que se quer expressar.

No espetáculo “Era” do grupo Imagem e Cia a proposta da maquiagem foi *make* básica, por utilizar de poucos cosméticos, transmite a imagem de personagens em sua maioria bastante naturais, realçando alguns traços de beleza, utilizando cores suaves e que não deixam a pele das atrizes "carregadas" de expressividade.

Já a maquiagem no espetáculo “Os Viajantes” é considerada uma *make* artística mais elaborada que cria a imagem do personagem de acordo com as características fisionômicas do ator ou atriz, estabelecendo a harmonia entre os traços do rosto dos indivíduos e a imagem da personagem a ser criada, utilizando não só da maquiagem no rosto, mas também o cabelo como elemento crucial na composição. No caso de “Os Viajantes” a caracterização visagista de muitos personagens se completa também com a utilização de próteses faciais e lentes de contato nos olhos.

CAPÍTULO 2

A MAQUIAGEM E TRAJE DE CENA NO ESPETÁCULO “A ERA”

O processo de pré-produção deste espetáculo que em março de 2012 começou a ser movimentado com a realização de uma seletiva de atores para o espetáculo, no qual foi dividido em dois dias, no mesmo mês começaram as leituras dramáticas; em abril o grupo deu início aos estudos e ensaios no Centro Cultural Franco Amapaense, no qual já é parceiro do grupo e do espetáculo desde 2011. Assim passa a ter sua primeira apresentação no Museu de Imagem e Som (MIS-Amapá) com duração de 1 hora, a partir de então foi se tornando mais intenso, tendo sua estreia oficial em dezembro de 2012. Este trabalho foi a primeira experiência teatral do grupo voltado para adultos, pois antes estavam mais voltados para o público infantil.

No ano de 2013, apresentou-se no auditório da Biblioteca Estadual Professora Elcy Lacerda, em 2014 tem sua apresentação na sede do grupo, tinham como objetivo, a participação em festivais, mostras entre outros eventos, mas, o elenco permaneceu junto até o ano de 2016.

O espetáculo “A ERA: um desmedido olhar sobre um infortúnio destino” escrito e dirigido por Viviane Gualberto na qual traz uma dramaturgia híbrida que envolve linguagens cênicas e musicais. As ações cênicas eram divididas em quinze cenas, em algumas cenas continha músicas líricas e infantis.

A peça conta a história de uma família de classe média-alta que vem passando por sérias dificuldades, principalmente na questão financeira, causando um profundo impacto na relação familiar. Nesta história de amor do Séc.XIX, nasce Edith, que mesmo doente e frágil é amada pela família.

A história possui características do Barroco brasileiro⁶. A peça retratava uma angustiante fragilidade humana familiar, e com isso buscavam forças para construir personagens antagônicos como: luz (personagem que busca fazer com que a garota não se suicide) e sombra (faz o papel de levar a menina ao suicídio, torcendo para que ela não busque a luz), céu e terra, bem e mal, alegria e tristeza, pureza e pecado características vivenciadas durante todo espetáculo pelos personagens.

⁶ **Barroco Brasileiro:** é um termo que deriva do francês *barroque* e que permite fazer alusão a um movimento cultural e estilo artístico desenvolvido entre o séc. XVII e meados do séc. XVIII. Este estilo abrangeu diversos ramos (pintura, arquitetura, a música, a literatura e caracterizou-se pela ornamentação excessiva).

O processo de criação do espetáculo teve seu início em dezembro de 2008, a partir de pesquisas, estudos, reflexões e sínteses, com foco na temática sobre a depressão infantil no contexto histórico do séc. XVI no mundo e no Brasil até o ano de 2012.

Porém, em 2010 o grupo retoma pesquisas com interesse maior pelo séc. XIX, por ser um período marcante em que o Brasil e o mundo passavam por mudanças que foram cruciais e significativas para a sociedade atual, principalmente sobre a redefinição do estatuto da criança e do adolescente.

Assim, a peça mostra o Sr. Emanuel (Pai de Edith) que vivia com problemas financeiros depois do falecimento de sua esposa Elizabeth, mesmo assim ele não se desfazia dos bens já construídos, e lutava incansavelmente para tentar reerguer seus status. Isso o levou a abandonar sua filha, mas contava com a ajuda de Dona Louise (a governanta), para cuidar de Edith, portadora de deficiência física causada por Poliomielite⁷ que era intensa neste período.

Os espectadores presenciavam um suspense psicológico, conturbado e intrigante, fazendo com que os personagens se arremessassem em um envolvente jogo de dramaticidade provocado pelos problemas psicológicos que era acometida a filha com a depressão infantil. A família então se vê em um pesadelo intenso com a morte da mesma.

O grupo neste espetáculo almejava provocar no público sinestésias através de imagens que o levasse a uma reflexão sobre sua Era “interior e exterior”, apostando em uma concepção visual que dialoga com a visão do realismo cênico de Constantin Stanislavski⁸, na qual havia a necessidade de um ambiente realista para que o ator pudesse presentificar seus personagens de maneira mais sincera, propondo entrelaçamento de elementos reais e ficcionais dentro do espetáculo para estimular a memória afetiva e criatividade na preparação do ator.

Desta maneira o grupo objetivou uma peça que pudesse viajar, apresentar em outros Estados, mas devido dificuldades enfrentadas em custear o trabalho, foi necessário realizar algumas adaptações para colocar o sonho em prática. O grupo realizou pesquisa sobre estilistas que utilizavam materiais como papel, copo plástico, escama de peixe, sombrinha dentre outros.

⁷ **Poliomielite** é uma doença viral que pode afetar os nervos e levar à paralisia parcial ou total. Apesar de também ser chamada de paralisia infantil, a doença pode afetar tanto crianças quanto adultos.

⁸ **Constantin Stanislavski** foi um ator, diretor, pedagogo e escritor russo de grande destaque entre os séculos XIX e XX. Stanislavski é mundialmente conhecido pelo seu "sistema" de atuação para atores e atrizes, onde reflete sobre as melhores técnicas de treinamento, preparação e sobre os procedimentos de ensaios.

Encontraram o estilista Ronaldo Fraga⁹ que foi uma das inspirações do grupo para produção dos trajes de cena, por este confeccionar os trajes a partir de materiais recicláveis e de fácil manuseio. Foi então que o grupo optou a usar tecidos de sombrinhas como base de trajes de cena, por ser de fácil acesso e não correr o risco de molhar e estragar o traje de cena.

Para sintetizar a criação de traje de cena a partir de materiais recicláveis observamos na imagem abaixo:

Figura 1: Vestido de escama de peixe.



Fonte: <http://coisaseideias.com/2015/04/artesanato-meio-ambiente-e-luxo-desfile-de-ronaldo-fraga/>

A fotografia acima mostra um trabalho de inspiração nas sereias, por Ronaldo Fraga na qual desfilou no verão 2016, na 39ª edição do São Paulo Fashion Week, com muito artesanato que surpreende o olhar, dessa vez o estilista juntou-se com um grupo de artesãs de João Pessoa batizado Sereias da Penha, que fazem roupas e acessórios com escamas de peixes, e construiu coleção inspirada no mar e sereias. A modelo veste um vestido confeccionada partir de escama de peixe.

Como o grupo já tinha o interesse nesta questão de sustentabilidade e passa a utilizar materiais recicláveis a partir da moda sustentável, tendo Ronaldo Fraga uma das fontes de pesquisa. Utilizam o tecido de sombrinhas para confecção de trajes de cena, alcançando resultados de trajes de cena com mais leveza e baixo custo financeiro.

⁹ **Ronaldo Fraga:** é um estilista brasileiro que além de marca própria, desenvolve projetos de aculturação de design e geração de renda em todo o Brasil.

Para o grupo a questão da sustentabilidade foi um dos fatores que levaram a trabalhar a partir de quatro “**R**”: **Repensar** (devemos parar e analisar velhos hábitos e mudar posturas para mudar nosso planeta; **Reciclar** (Por meio desta atitude, os centros de reciclagens conseguem dar uma destinação correta para materiais como vidro, papel, plástico e metal.); **Reduzir** (O primeiro passo para o consumo consciente é reduzir a quantidade de resíduos produzida); **Reutilizar** (Antes de optar pelo descarte de materiais, avalie se há algum item que possa ser reutilizado, como papéis para rascunhos ou embalagens plástica), palavras estas, que foram escolhidas durante a Conferência das Nações Unidas de 3 a 14 de junho de 1992, sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável realizada no Rio de Janeiro.

Em meio ao compromisso com a sustentabilidade e confecção de trajes de cena, o grupo, investe em tecidos que são diariamente jogados na natureza. Ressignificando no corpo do ator o luxo, que saiu do lixo, e permitindo assim a visibilidade dos materiais que passam despercebidos aos nossos olhos.

Macieira vem salientar que:

No universo ficcional o figurino exerce a função de narrar, visualmente, certas características da personagem. Assim como a roupa, as indicações de gênero, status, hierarquia e gostos pessoais são refletidos e estão presentes nos figurinos, de modo que o espectador possa construir uma história a partir do que vê. (MACIEIRA, 2013, p.05)

Atribui-se desta forma, que o traje de cena por si só, traz todas características do comportamento e história da personagem, sendo um elemento repleto de sintomas e marcas dos conteúdos que são tratados na peça. O espectador tem a oportunidade de estar em contato através das vestimentas fazendo várias leituras e ser afetado de diferentes maneiras, não apenas visuais, mas também subjetivas.

Para se pesquisar e confeccionar figurino cênicos, uma das possibilidades é a construção de rabiscos e croquis, tal técnica é recomendada pelo pesquisador Fausto Viana (2015, p.264), na qual explica a importância de se trabalhar com croquis. E o que seria isso? “O croqui é o desenho que o cenógrafo e figurinista fazem para mostrar ao diretor suas ideias”. Só então passa para as mãos da costureira, que se encarregará de tornar uma peça pronta para o uso em cena. Antigamente, no início do grupo Imagem e Cia, os croquis eram descartados pelo grupo, hoje é um documento, fonte de informação acerca das características, indumentárias e estudos das personagens. É um registro de um trabalho realizado, que serve para refletir sobre os pontos

positivos e negativos, sobretudo o que pode ser melhorado, quais materiais e técnicas foram utilizados para confecção, etc.

Após os desenhos dos croquis, o grupo parte para as ruas, fazendo coleta das sombrinhas descartadas nos espaços públicos e pedindo aos amigos. O desafio foi encontrar tecidos de sombrinhas que tivessem a mesma cor. Segundo uma das integrantes do grupo, Mapige Gemaque¹⁰, “70% do figurino do espetáculo foi confeccionado a partir de materiais recicláveis, principalmente as sombrinhas que tiveram um destaque maior na confecção do vestuário”, através desta experimentação de materiais alternativos foram desenvolvidas formas criativas para construção dos trajes de cena e outros elementos da encenação.

Os tecidos de sombrinhas eram de diferentes cores e foram transformadas em saias, pintados com tinta plástica para alcançar a cores desejadas de acordo com os personagens. Como o grupo não tinha todas as sombrinhas das mesmas cores, esteticamente gostariam de ter o efeito nas saias com a mesma coloração preta e resolveram pintar todas destas maneiras monocromáticas.

O grupo fez uso do tecido de sombrinha, apesar não ser um tecido nobre, trouxe leveza e resultado alcançado as expectativas para o espetáculo. Os bordados das saias foram feitos com tinta acripuff¹¹, para que pudesse ficar em alto relevo dando como resultado renda, das quais remetiam o final do século XIX, customizadas, e havia as túnicas que foram confeccionadas com gripir¹².

Mapige Gemaque realizou no grupo oficina de cenografia e figurino, para que aqueles que não tiveram contato com o teatro pudessem conhecer melhor no que iria atuar. Os integrantes também buscaram fazer laboratórios (interpretação teatral, canto, customização de roupas, acessórios) assistindo filmes que remetiam à época trabalhada: “Era vitoriana¹³” e vídeo “A moda do século XIX¹⁴”.

¹⁰ Mapige Gemaque: artista integrante do grupo

¹¹ Acripuff: tinta para expansão a calor, para obter um acabamento em relevo emborrachado, utilizado em tecido de algodão.

¹² Gripir: é uma renda de tecido transparente de malha aberta, fina e delicada, que forma desenhos variados com entrelaçamento de fios.

¹³ **Era vitoriana:** Foi o período de reinado da rainha Vitória, no Reino Unido, que durou de 1877 a 1901.

¹⁴ **A moda do século XIX:** final do séc. XVIII 1795, maior influência na moda, as mulheres começaram a usar vestidos mais fluidos em cor de tons pastéis, semelhantes a túnicas gregas, com mangas bufantes e cintura alta, denominada cintura império.

As peças do vestuário e adereços eram guardadas em um baú construído de compensado, envelhecido com tinta e com fechaduras da época, revestido de couro. Foi pensado e construído com este material por ser leve e prático para a locomoção nas viagens até o momento das apresentações .

O traje de cena e maquiagem foram estudados de agosto a novembro do ano de 2012, quatro meses de oficina. O processo de criação do grupo consistia em estudar materiais diferentes as linguagens e elementos cênicos de maquiagem, iluminação, traje de cena, onde todos os participantes se engajaram na pesquisa e compartilhamento de materiais e aplicação de oficinas internas, onde cada um poderiam exercitar o lugar de mediador das experiências para os demais, realizando assim um processo de estudo e pesquisa coletiva.

Percebe-se que o grupo tinha a preocupação de compartilhar e instruir seus integrantes sobre as funcionalidades e importância de cada um desses elementos dentro do espetáculo. Na compreensão do traje de cena, VIANA (2014) diz que “ o traje de cena é definido como indumentária das artes cênicas. O termo, mais amplo que traje teatral, pode abranger traje de teatro, dança, circo, shows, espetáculos, performance...” (p. 11). O grupo Imagem e Cia trabalha com várias linguagens artísticas, na qual o traje de cena torna-se um dos principais elementos que colabora na criação da visualidade dos personagens e conseqüentemente do espetáculo, possibilitando ao espectador várias camadas de entendimento e leitura visual acerca de como o grupo trata os temas abordados na peça.

Macieira explica que:

O figurino é evidentemente um meio de narração, ele permite definir a personagem, e a inserção em uma realidade do espetáculo. Graças ao figurino é possível determinar grupos, de acordo com seus status, e demarcar a temporalidade do espetáculo, assim como a evolução das personagens. (MACIEIRA, 2013, p.02)

Na cena 10 do espetáculo “ A ERA”, é apresentada a personagem da mãe (interpretada por Camila Aguiar) mulher do século XIX, ela vestia uma saia de sombrinha na cor vinho, com bordado dourado, e blusa adquirida em brechó, que remetiam ao mesmo período. Sendo esta a única cena em que aparece na história, foi necessário um diálogo muito preciso entre traje de cena e dramaturgia, pois o intuito era revelar e deixar marcante para o espectador os papéis sociais que a mulher da época exercia, aproximando os mesmos deste contexto social expresso também nos trajes de cena da personagem.

Segundo Pavis (2007, p.327), “Os diálogos se inspiram nos discursos de determinada época ou classe socioprofissional. O jogo de ator torna o texto natural ao máximo, reduzindo os efeitos literários e retóricos pela ênfase na espontaneidade e na psicologia”. Fez-se necessário que os atores e atrizes da peça “A Era” internalizasse o jogo psicológico da época, tendo seu trabalho estimulado pelo uso de traje de cena que transportava suas imaginações e corpos para o período onde se passava a história da peça, e assim tornar o mais próximo possível a essência de suas personagens.

Para algumas cenas, usou-se como maquiagem a argila em alguns personagens, adicionado creme hidratante para que ela não viesse a craquelar¹⁵, e evitasse pôr em risco todo a maquiagem desenvolvida na pele dos atores. Após o espetáculo, a argila era retirada do corpo dos atores com creme hidratante, antes mesmo de ser retirada com água, uma forma de prevenir qualquer alergia no corpo, tendo sempre o cuidado de usar água mineral.

É necessário que haja uma preparação e diálogos constantes entre aqueles que irão participar de forma ativa no processo de construção de personagens, tendo o cuidado de junto ao traje de cena e maquiagem fazer testes e ensaios com estes elementos, pois, estas são áreas fundamentais na composição de um personagem. Tais elementos não devem ser testados e usados somente na estreia do espetáculo, faz-se necessário durante o processo de construção dos personagens e do espetáculo que seja experimentado desde os ensaios, para que caso surjam algumas dificuldades de relacionamento ou funcionalidade a respeito desses materiais possa ser corrigido a tempo.

2.1- O TRAJE DE CENA NO ESPETÁCULO “A ERA”

Mãe: Personagem representada por Camila Aguiar, papel de uma mulher do séc. XIX, aparece em cena da escuridão que aos poucos o espaço ganha luz, reproduzindo sua sombra nas paredes, sentada como se estivesse escrevendo uma carta. Traje de cena, saias longas na cor vinho (confeccionada a partir de tecido de sombrinhas), como não conseguiram tecidos das mesmas cores tiveram nas primeiras apresentações que pintar as saias para alcançar a cor desejada, até conseguirem fazer uma saia sem precisar pintar. Os bordados na saia para dar relevo, foi utilizado tinta acrílica na cor dourada, uma blusa com mangas compridas

¹⁵**Craquelar:** Para os maquiadores, quando você se olha no espelho e percebe os poros super visíveis e a base ou corretivo começando a esfumar pouco tempo depois de fazer a make. O motivo é a falta de hidratação da pele - e é exatamente por isso que áreas mais ressecadas do rosto são as mais afetadas.

(compradas no brechó) na cor vinho com volume na área do braço, características das vestimentas da época. No final ela veste uma bata, feita de algodão branco.

Figura 2: Figurino séc. XIX, personagem mãe.



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=vestido+s%C3%A9culo+19&sxsrf>

A imagem acima, é uma indumentária do século 19 pesquisada pelo grupo como fonte de inspiração da confecção do figurino da personagem mãe: um vestido longo com anáguas, com volume na parte de baixo, com bordado, mangas longas, pois não havia muita exposição do corpo da mulher, retrata conservadorismo da sociedade europeia da época. Esse traje de cena era idealizado para essa personagem.

Figura 3: Figurino, personagem mãe.



Fonte: Acervo pessoal do grupo Imagem e Cia

A imagem acima apresenta-se o traje de cena criado pelo grupo para a personagem mãe, inspirado na imagem anterior. Apresenta predomínio de tons de cor quente, saia sem tanto volume, diferenciando-se da foto de inspiração.

Segundo a responsável pela concepção do traje de cena do espetáculo Mapige Gemaque, “ a escolha de materiais, os estudos do século em que passa a história, o uso do bordado na roupa, já demonstrava que tais materiais traziam para o figurino uma proximidade com a realidade da época” (informação oral). Ressalta ainda, que o figurino e as tonalidades escolhidas, como azul escuro, preto, vinho, eram cores que remetiam à época, final do séc. XIX.

Menina: personagem interpretada pela atriz Débora Bararuá. É apresentada como doente, portadora de uma deficiência física (paralisia infantil) que brinca no tapete, com laço no cabelo. A história que acontece no espetáculo, está centrada toda nesta personagem, pois a mesma é levada a suicidar-se pela personagem sombra (interpretada por Elen Baía) elas brincam o tempo todo, e se acompanham durante toda peça. O traje de cena da menina é feito de sombrinha clara, onde foi utilizada tinta plástica branca para alcançar o tom de cor alvo do traje, usava ainda uma meia-calça branca de balé, e sapatos brancos de boneca. Ao final da peça a menina veste um camisão de cetim, este último traje como sendo referência a época pesquisada. A cor branca predominante no traje desta personagem representa a pureza e inocência da criança.

Figura 4: Traje de cena do século XIX



Figura 5: Figurino personagem menina. Figura 6: Figurino personagem menina



Fotos: Acervo grupo Imagem e Cia

Já na prática de confecção o real foi-se apropriando de materiais de fácil acesso. Como customização de sombrinha e transformado em saia e através da tinta acripuff a saia longa e sem volumes foi ganhando um relevo atrativo no olhar da figurinista Mapige. O figurino real alcançou diferentes mudanças como o modelo e cor que já se usava no final do século XIX.

Anjo: Personagem interpretado pelo ator Felipe Gouveia. É uma estátua viva, se mantém em pé canto do palco sobre um caixote durante toda a peça, movimentando-se apenas no final para levar a menina. Seu traje de cena veio do acervo do grupo do trabalho com estátuas vivas,

uma túnica branca feita com tecido 100% algodão, a asa foi confeccionada com papelão revestida com plástico, nas suas mãos foram usadas uma luva de cetim.

Figura 7: Composição e caracterização, anjo



Foto: Acervo do grupo Imagem e Cia

2.2 A MAQUIAGEM NO ESPETÁCULO “A ERA”

A maquiagem foi liderada pela integrante Géssica Farias, que realizou pesquisa na internet acerca de possibilidades de maquiagem no final do séc. XIX na Europa e no Brasil. As integrantes do grupo, Géssica Farias e Camila Aguiar, fizeram um curso de maquiagem profissional, no Sesc Araxá-AP, detendo assim, alguns conhecimentos na área e compartilhando com os outros integrantes do grupo para a criação no espetáculo.

O grupo desenvolveu algumas maquiagens coloridas e como material adequado era de difícil acesso em Macapá na época, procurando usar paletas de sombras realizando vários testes, misturas, diluindo em água até alcançarem as cores que desejavam. Desta forma, o grupo procurou fazer adaptações e pesquisas que estivessem mais próximas de uma maquiagem sutil, mas com contrastes.

Mãe: Foi realizada uma leve maquiagem no rosto da atriz, com os seguintes produtos: base no rosto, pó compacto, sombra cintilante na cor azul clara e batom rosa.

Figura 8: Maquiagem do século XIX, Mãe.



Fonte: internet

Figura 9: Maquiagem Mãe do ano 2012.



Foto: Acervo do grupo Imagem e Cia

Menina: Para esta maquiagem, por se tratar de uma criança e a atriz ser adulta, foi aplicado no rosto da atriz uma base e corretivo para amenizar as linhas de expressões e torná-la mais próximo ao rosto de uma criança, usando ainda pó compacto e finalizando com blush rosa para dar uma corada nas bochechas.

Figura 10: Menina sendo maquiada.



Figura 11: Maquiagem menina do ano de 2012.



Fotos: Acervo pessoal do grupo Imagem e Cia

Anjo: Para este personagem, foi preparada a pele do ator com hidratante para evitar alergias. Aplicou-se o pancake branco no rosto todo e em aplicando em partes do rosto sombra cintilante para que com jogo de iluminação, a maquiagem ganhasse destaque com efeitos luminosos.

Figura 12: Maquiagem do personagem anjo.



Acervo do grupo Imagem e Cia

Figura 13: Aplicação de pancake, personagem anjo.



Acervo do grupo Imagem e Cia

É possível analisar a partir das técnicas de maquiagem e figurino apresentado pelo grupo Imagem e Cia, que a técnica do visagismo vem contribuir no processo de construção e caracterização dos personagens, de forma que torna possível uma transformação do ator em um outro ser a partir dele mesmo com suas características físicas.

Segundo Patrice Pavis (2007, p.204): “ A imagem desempenha um papel cada vez maior na prática teatral contemporânea, pois tornou-se a expressão e a noção que se opõe àquelas de texto, fábula ou ação”. A imagem de teatro permite realizar leituras diferenciadas, não são estáticas, tem movimento, corpo, volume, tem cor, tem voz. A imagem reflete a compreensão mental do ator, o verbal e corporal, são signos traduzidos através do figurino e maquiagem representados em cena.

Para Cezimbra:

A maquiagem teatral deve ser dramática, envolvente, com a finalidade de ajudar atores a caracterizar seus personagens. Isso exige do maquiador, além de criatividade, conhecimentos gerais e uma pesquisa de costumes da época, para que ele harmonize a maquiagem com os cabelos, o figurino, a luz, o cenário (CEZIMBRA 2017, p.149).

Compreender o diálogo entre traje de cena e maquiagem nem sempre torna-se uma tarefa fácil, pois, é necessário que haja harmonia, em que ambos e as demais técnicas (iluminação, cenário e etc.) venham ajudar personalizar a imagem de cada personagem, e não para criar ou seguir padrões, onde nem sempre a busca pela harmonia clássica no visual é o que se busca. Mas, cada personagem deve ser analisada de forma única e personalizada a fim de se identificar os seus desejos e necessidades a serem traduzidas visualmente.

Sabemos da importância da visualidade no trabalho do grupo em estudo. Com relação à ideia de figurino o autor Patrice Pavis (2015, p.170) relata que: “O cenário calado ao corpo do ator se torna figurino, o figurino que se inscreve em sua pele se torna maquiagem: a maquiagem veste tanto o corpo como a alma daquele que a usa, daí sua importância estratégica tanto para a sedutora, na vida, como para o ator, no palco.

Neste sentido, o ator traz a cena em seu corpo, mas por vezes permite-se que a cena seja parte de seu corpo como figurino, as cores da maquiagem transmitem sentimentos aliado a iluminação e o cenário transmite ao público possibilidades visuais de compreensão do enredo apresentado. A composição cênica desses elementos passa várias mensagens, sensações, ideias e sentimentos ao público.

CAPÍTULO 3

A MAQUIAGEM E TRAJE DE CENA NO ESPETÁCULO “OS VIAJANTES”

Na dramaturgia do espetáculo “Os viajantes” retrata-se a chegada dos deuses na terra e o conseqüente nascimento do teatro.

O espetáculo se desenvolve em três cenas ou capítulos:

Na primeira, chamada “Os viajantes”, dois astronautas viajam através das galáxias acompanhados de um robô, à procura de vida extraterrestre. Após 12 mil anos de procura infrutífera (a humanidade já não morre ou adocece), um acidente os obriga a encararem-se a si mesmos e redescobrir suas verdades. Os viajantes somos nós no futuro. Eles desmascaram nosso presente, nossas bobagens diárias e nossa civilização voltada para seu próprio umbigo e a restrição da liberdade.

Na segunda cena, chamada “Faça-se a Luz”, a compreensão do universo no confronto de duas raças, a humana e a extraterrestre, conversando sobre a saga da humanidade no nosso futuro e no passado deles.

Na terceira cena, intitulada “Quando os deuses pisaram na terra, nasceu o teatro”, um epílogo de como nascem os mitos, deuses e rituais.

“Os Viajantes” é uma dramaturgia que flerta com o audiovisual, desde a sua temática *Sci Fi*, que significa “ficção científica” em inglês. Esta temática foi introduzida no teatro no Brasil por Ricardo Karman na década de 1970, o primeiro diretor brasileiro a trabalhar o *Sci Fi*,

buscando criar uma simulação de futuro em suas peças. Os universos narrativos *Sci-Fi* são simulações da realidade condicionada pela tecnologia e dialogando com temas da ficção científica.

Com base em Karman esta peça do grupo Imagem e Cia dialoga com os elementos do teatro com audiovisual, buscando suscitar camadas insólitas de realidade. O espetáculo contém quatro atores principais (adultos) e 11 atores mirins, além de quatro maquiadores, três figurinistas e uma costureira que pesquisaram, dentre outras referências, os mantos do artista Arthur Bispo do Rosário enquanto inspiração para alcançar a visualidade estética dos trajes de cena, por exemplo do personagem Buda.

Os personagens da peça são dois astronautas, (um cientista e um religioso), robô, alien, e as criaturas (seres em formação).

A maquiagem e traje de cena dos protagonistas da peça foram elaboradas de forma individual, por cada ator ou atriz. Essa foi uma proposta do diretor Inácio Sena, que desejava problematizar as inquietações e diferentes visões do elenco para a construção do visual dos personagens, nela podendo experimentar a maquiagem através da criação de deformidades e anormalidades no rosto dos atores.

Segundo Sampaio (2012, p.05): “A maquiagem como suporte na cena contemporânea pode contemplar em sua função de elemento visual da cena, partindo do texto ou argumento a ser encenado e da concepção cênica do encenador, através da sua forma e cores, colocadas em cena”.

De acordo com Sampaio, a maquiagem é de fundamental importância visual em cena, visto que é através dela que o cenário resplandece de cores. Então, na contemporaneidade, o uso dessa ferramenta no teatro não pode em hipótese alguma ser esquecida. Assim, é através da maquiagem que se determina a natureza dos personagens, ou seja, cada indivíduo envolvido no teatro tem sua maquiagem específica.

Em relação ao elemento traje de cena na montagem “Os Viajantes” o grupo trabalhou técnicas de customização, capazes de potencializar a reutilização de roupas do cotidiano, extraindo delas plasticidades, usos alternativos e criativos no intuito de tornarem trajes potentes de significados para a cena teatral.

Neste sentido afirma Paiva (2011 p.19) “A tarefa principal do figurinista e dos outros colaboradores da encenação é transformar as ideias verbais em visuais e materializá-las”.

Através da técnica de customização foi possível mostrar a visualidade do traje de cena feito a partir de uma roupa existente dando novos significados para a cena, o traje é um dos elementos responsáveis pela caracterização do personagem na composição de cena e mostrar essa plasticidade ao espectador, aguçando suas leituras e subjetividade pessoais é um papel da arte. O figurino identificar por meio da veste as personas que estão em cena. O autor PERITO, afirma:

No teatro, o figurino tem uma função específica: a de contribuir para a elaboração do personagem pelo ator e constituir, também, um conjunto de formas e cores que intervêm no espaço do espetáculo e devem, portanto, integrar-se a ele. (...) esse diálogo vem por meio do figurino e, assim, permite ao espectador identificar as personagens. Exemplificando a importância do figurino, assevera que quando os atores entram em cena, mesmo antes de falarem, o público já terá aprendido uma boa quantidade de informação. De acordo com o autor, a imagem toda é composta de sinais aos quais os espectadores reagiram, e o figurino ainda assessora o ator por ser uma espécie de disfarce. (PERITO; RECH, 2012 p.03).

O grupo Imagem e Cia utilizou o processo de customização em alguns figurinos de cena, no objetivo de reinventar-se, fazendo de uma roupa casual um figurino para o espetáculo. Tais materiais foram obtidos em brechós com valores acessíveis. Neste sentido SEIVEWRIGHT (2009, p.53) argumenta que “Feiras de antiguidades e brechós oferecem uma oportunidade ideal para descobrir tesouros, artefatos descartados, moda vintage ou ainda roupas de época.”

O grupo Imagem e Cia tem como seus aliados os brechós da cidade de Macapá, pela falta de condições financeiras, que não vem a ser um empecilho para o grupo, mas sim fortalece o poder de se reinventarem no ramo artístico.

Assim, a maquiagem artística podendo ser reinventada, como ocorreu no processo do personagem Alien (interpretado pela atriz Débora Bararuá), onde seus produtos não eram encontrados no estado do Amapá, com isso, a falta de alguns materiais ganhou força de experimentar outros produtos de fácil acesso chegando a fabricar suas próprias próteses.

Para se criar uma prótese cênica com maquiagem artística é preciso conhecer o tipo de estrutura óssea do rosto humano, que é variante, e nesse caso, realizar um estudo mais específico sobre a fisionomia do ator ou atriz que interpretará o personagem com próteses faciais.

A maquiagem do espetáculo “Os Viajantes” tem como objetivo descaracterizar a fisionomia humana, e isto exige bastante criatividade e habilidade da técnica do esfumado, do emagrecimento do rosto, ou até mesmo do aumento facial através de próteses e maquiagem.

Ao se estudar o universo da maquiagem encontra-se técnicas de contorno facial, tanto para o emagrecimento quanto engordamento do rosto. Ressaltamos que, o contorno facial nada mais é que o jogo de luz e sombra, aplicada à maquiagem, se quiser projetar a imagem e dar volume, deve escurecer-se o que deseja afinar e dar menos destaque, e vice-versa. Para o aumento/engordamento da face deve-se clarear as áreas desejadas.

Os materiais utilizados no contorno da maquiagem são: base cor de pele, corretivo (mais claro que o tom da pele), pó compacto, lápis de olho marrom, lápis de olho preto, lápis de olho branco e sombra marrom. Para Cezimbra (2012, p. 140) “Precisa ter jogo de contrastes claro e escuro e cores fortes que se destaquem sob a luz dos refletores. Assim, consegue-se dar, à distância, uma boa visão do personagem”.

A autora ressalta a importância da técnica do contorno que vem evidenciar os pontos fortes e cobrir os fracos por meio de um jogo de “luz e sombra” uma técnica bastante usada no teatro que é altamente marcado no para se obter melhor visualidade ao espectador.

3.1- O TRAJE DE CENA NO ESPETÁCULO “OS VIAJANTES”

- **Personagem: Alien**

Atriz: Débora Bararuá

O processo de pesquisa se deu quando o diretor Inácio Sena lançou o desafio para Bruna Ranieri para desenvolver o processo de desconfiguração do rosto humano se assemelhando a um extraterrestre. A pesquisa deu-se início quando o foco foi se inspirar em seres aquáticos, até chegar em quais seres iam ser apropriados para a desconfiguração. Ao analisarem que os seres aquáticos possuem nadadeiras, levando em consideração que através do traje de cena seria uma novidade de visualidade ao público, um ser que contém essa membrana abaixo do braço, como se fosse suas nadadeiras.

Figura 14: Traje de cena personagem Alien.



Foto: Lia Borrvalho

As cores do traje de cena e maquiagem têm como finalidade levar a mensagem poética desse ser da natureza utilizando a cor azul predominante no macacão.

Portanto, o traje de cena caracteriza-se de maneira que o espectador compreenda os personagens. E com isso, o traje de cena surgiu a partir de um o processo de customização, que consistiu em reutilizar o macacão, com o mesmo tecido aumentando na parte inferior do pé, com o objetivo de esconder toda a pele humana existente. O macacão era totalmente azul, o mesmo foi inserido abas nas laterais na cor branca, como espécie de membrana colada no corpo.

Em seguida as abas também foram pintadas de amarelo, verde e branco neon para ser iluminado pela luz negra, onde pudesse ter suas cores realçadas e uma textura áspera fugindo da pele do ser humano e dando características ao personagem alien.

O traje de cena do Alien foi customizado com tecido malha, considerado maleável e por esticar bastante, um tecido que não amassa e sua elasticidade e flexibilidade, ajuda nos movimentos do corpo. O traje contém alguns paetês na cor prata e ao se movimentar trás o reflexo de luminosidade na proposta de um ser que reluz e têm superpoderes.

A customização foi fundamental na construção do refazer o traje cena e traz a exuberância das cores no figurino sendo mesclado com a tinta neon quem vem contrapor com quando a luz negra, para dar um efeito brilhante no tecido malha, essas tintas são específicas para tecido e não deixa com aspecto enrijecido. Os materiais utilizados para a customização do traje de cena do personagem Alien foram paetê, tinta acrílica e tinta neon.

Na parte superior na cabeça foi usado uma touca azul de natação seu material e de plástico e vem com a finalidade no espetáculo de esconder os fios dos cabelos e dando um formato na cabeça diferenciado comparado a um extraterrestre.

- **Personagem Seres em formação (Ratos)**

Atores: Davi Leal, Caio Vinicius, Carlos Daniel, Lury Marques, João Vitor, Laran Maciel, Riam Gustavo.

Atrizes: Ana Carolina Pontes, Agatha de Paula, Maria Eduarda, Stephany e Bianca.

Os personagens seres em formação foram inspirados no animal rato que foi escolhido pelo seu instinto curioso e conforme seu crescimento vai ganhando pequenos movimentos e se adaptando aos poucos com os seres humanos de forma inusitada. No espetáculo “Os Viajantes” os seres em formação mostram a evolução e vão se adaptando ao mundo e comunicando através de mímica. E como os atores mirins precisam fazer muitos movimentos corporais, o traje de cena pensado foi uma composição de tecidos leves e cores vibrantes.. O tecido utilizado foi o cetim em blusas de mangas curtas na cor verde e as calças no estilo capri na cor laranja, sendo trajes totalmente folgados no corpo dos atores e atrizes. O tecido cetim foi utilizado do lado do avesso por conter uma pequena luminosidade que iria interferir na iluminação causando efeitos indesejados.

Figura 15: Foto do elenco "Os viajantes".



Foto: Lia Borrvalho

- **Personagem Astronauta Cientista: Ator Adrian Smith.**
- **Personagem Astronauta Buda Ator: Manoel Leal.**

Figura 16: Personagens Astronauta Cientista e Buda.

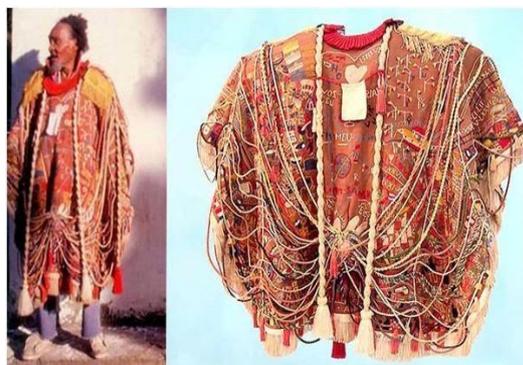


Foto: acervo grupo Imagem e Cia

O rapaz da esquerda é o Astronauta Cientista, seu traje de cena é semelhante a uma camisa térmica, que possui mangas compridas e gola ao pescoço, na cor branca, a calça é comprida no seu tecido poliéster também acompanhado a cor branca, é um personagem que exige muitas expressões corporais, sendo que ator é puxado por um cabo de aço, seu figura precisa ser leve.

O rapaz do lado direito é o Astronauta Buda que vem dialogar seu traje de cena com uma roupa de padre/batina, tendo como referência idealizada com traje de cena de Arthur Bispo do Rosário. Por ter a vestimenta trabalhada no bordado feito á mão e por também ele ser esse “mensageiro de Deus”. Assim como o astronauta Buda, que emana a paz entre os seres.

Figura 17: Obra de Arthur Bispo do Rosário.



Fonte: internet

A inspiração de Mapige Gemaque surgiu da obra de arte chamada “Manto da Apresentação: a nobreza do sagrado” feita por Arthur Bispo do Rosário, que foi um artista plástico brasileiro. Sua obra ficou muito conhecido por ele fazer baseado na sua vida como um

labirinto de pensamentos e amarras para a nova jornada em sua vida. E como o personagem Astronauta Buda tem pensamentos em comuns os de Bispo do Rosário estabeleceu-se essa referência na construção de seu traje de cena.

Figura 18: Confeção do figurino Astronauta Buda.



Fotos: Mapige Gemaque

A construção do traje de cena do personagem Buda foi feito no modelo batina na cor branca, e usando o barbante para fazer suas, com vários labirintos de barbantes cru. Os materiais foram: tecido 100% algodão na cor branca, linha de costura branca e o barbante cru de fibra para a confecção do seu bordado à mão.

3.2- A MAQUIAGEM NO ESPETÁCULO “OS VIAJANTES”

- **Personagem: Alien**

Para o rosto tinha-se o objetivo de criar maquiagens que ajudassem a descaracterização das fisionomias humanas da atriz Débora Bararuá. Por exemplo, foi se pensado em seres aquáticos por se conter guelras, mas especificamente no peixe garoupa.

Figura 19: Peixe Garoupa.



Fonte: Internet

A referência de maquiagem do personagem Alien foi baseado na imagem abaixo, como mostra a desconfiguração do rosto humano e como foi simétrico para a colocação das próteses

e como o profissional da maquiagem foi-se apropriando detalhadamente da estrutura óssea utilizando guelras e assim fortificou a referência de maquiagem artística para a construção do personagem Alien que desde o princípio foi a utilização das guelras, pensando sempre em ser aquático.

Figura 20: Maquiagem inspirada em seres aquáticos.



Fonte: Internet, Prosthetic Makeup | Prosthetics | Creature Design | Special FX / Cinema Makeup School SFX prosthetics and accessories.

A imagem anterior foi inspiração para a construção de maquiagem artística do personagem Alien. Pois a mesma possui fendas, bem expressiva e suas cores em alta relevância do degradê nas cores, amarelo claro e escuro, azul claro e escuro.

Figura 21: Maquiagem Alien.



Acervo do Imagem e Cia

A prótese utilizada na atriz Débora Bararuá foi para compor a caracterização da maquiagem artística, utilizando altamente a técnica do esfumado tanto no rosto e prótese nas cores de sombra azuis claros e escuras, amarelas claras e escuras. A tendência na região do nariz e maxilar é ousar nas cores das sombras, criando esfumados inusitados, para criar cores intensas somente na cor azul e amarelo.

A parte abaixo do nariz foi utilizada a tinta artística preto, para marcar a região de profundidade de um nariz anormal. O olho contém lentes de contato azuis e os cílios longos usado para compor a expressividade no olhar sobre pondo em cima do delineado na cor preto.

A remoção das próteses é simples, basta puxar suavemente as extremidades para remover as próteses aplicadas ao rosto.

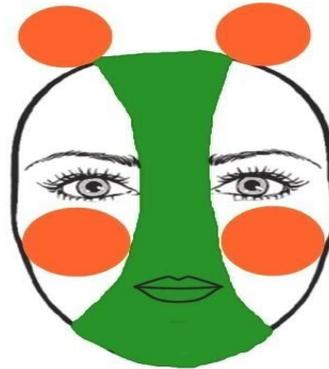
Ao construir os moldes das próteses para o rosto, a maquiadora Bruna Raniere utilizou o sabão de glicerina e a gelatina sem sabor. Ao derreter no fogo médio é misturado a gelatina sem sabor até ficar bem homogênea, assim que for esfriando ela vai se solidificando já apresentando o formato para pôr no rosto, a gelatina ajuda o sabão de glicerina a ficar mais maleável para se manusear e não quebrar.

As sombras utilizadas foram nas cores amarelo e azul em diferentes tons claro e escuro. A cola de cílios foi utilizada para fixar as próteses no rosto e os cílios postiços, sendo estes últimos, elementos que ajudam a criar um olhar mais forte e expressivo na personagem dependendo do seu tamanho. A máscara de cílios ajuda a entrelaçar os cílios naturais ao postiço. A tinta preta provoca uma profundidade maior no nariz da personagem diferentemente do nariz humano.

Ao observarmos as próteses usadas para compor esta caracterização do personagem, o grupo pode investir no aprimoramento técnico delas, fazendo um acabamento superficial junto à pele da atriz de forma a se alcançar a visualidade de que a prótese é a continuação e parte orgânica de sua face. Tal como foi executado no visagismo da personagem, onde o cabelo da atriz foi coberto por uma touca de natação para descaracterizar o formato natural da cabeça humana e aproximar do formato da cabeça de répteis e outros bichos.

- **Personagem Seres em formação (ratos)**

Figura 22: Face Chart, maquiagem, personagens Seres em formação.



Fonte: acervo pessoal

O face chart ¹⁶tem a finalidade de mostrar como seria a maquiagem dos Seres em formação utilizando as cores de tintas, o verde escuro e laranja escuro. As orelhas laranjas fazem parte da composição da maquiagem, simbolizando a orelha de ratos em desenhos animados.

Figura 23: Maquiagem artística, personagem seres em formação.



Foto: Lia Borrvalho

Na maquiagem criada para essas personagens, não há diferença entre meninos e meninas e valoriza-se bastante os traços das fisionomias dos próprios atores e atrizes pois não se sobrecarrega os seus rostos com excesso de maquiagem, de forma a permitir que essas personagens sejam humanizadas.

A peça “Os viajantes” trouxe uma experimentação cênica que viaja em outras galáxias do universo, trazendo uma criação artística de profundas pesquisas e experimentações nos aspectos visuais e conceituais de sua maquiagem e traje de cena. Neste sentido, o trabalho dos

¹⁶ **Face chart** é um croqui dos maquiadores para criar e expor maquiagens para clientes. A maquiagem feita em papel com imagens de vários tipos de rostos impressos.

atores e atrizes pode ser impulsionado a alcançar bastante expressividade corporal e visual devido à caracterização cênica desenvolvida pelo grupo. Como destaca Pompeu (2011):

O ato de caracterização através da maquiagem é, dentro do trabalho teatral (e cinematográfico), um dos elementos de composição visual da personagem. Juntamente com o figurino e demais acessórios auxilia o ator a "vestir" características e compor uma determinada figura que surge em cena e conduz a platéia ao universo proposto pelo espetáculo. Várias etapas se sucedem desde o estudo da maquiagem, de conformidade com a pesquisa de figurino, até o produto final. São momentos de criação artística que nos envolvem de tal maneira que mergulhamos (nós, maquiadores) na personagem junto com o ator. A maquiagem artística, então, é aquele "toque mágico" que aliando-se ao trabalho corporal, vocal e psicológico fará com que uma platéia possa "visualizar" as personagens dentro de um mundo, uma época e uma realidade espelhada no palco (ou na tela).

Pompeu vem ratificar o quanto que a composição e caracterização do personagem, tanto no teatro quanto no cinema, se aliada aos demais elementos cênicos é um importante portal para abertura da imaginação da plateia através dessa visualidade preenchida de significados em um espetáculo, levando o espectador a uma viagem no tempo sobre a história de cada personagem e a atmosfera da peça.

No espetáculo “Os Viajantes” foi possível brincar com a fantasia e o surreal através dos elementos maquiagem e traje de cena, pois a ideia era trazer a exuberância de contrastes de cores fazendo com que os os espectadores criassem várias impressões sobre o que estavam visualizando.

CAPÍTULO 4

OFICINA E CARTILHA MAQUIAGEM E TRAJE DE CENA: A CONSTRUÇÃO DE UM GUIA PRÁTICO PARA INTERESSADOS EM CONCEITOS, TÉCNICAS E EXPERIÊNCIAS NESTAS ÁREAS DA LINGUAGEM CÊNICA.

Nesta parte da monografia focaremos em descrever o processo de aplicação da oficina de Maquiagem e Traje de Cena que deu origem à nossa Cartilha sobre conceitos básicos e técnicas nestas duas áreas, tendo como base e inspiração metodológica as pesquisas do grupo Imagem e Cia, técnicas que aprendemos em oficinas com as profissionais Arnanda Oliveira (maquiagem), Tainá Vasconcelos (figurinista) e reflexões sobre conceitos dos autores que viemos dialogando ao longo deste nosso trabalho de conclusão de curso.

Para a construção da cartilha, foi desenvolvido uma oficina de maquiagem e traje de cena com adolescentes entre 15 e 17 anos, na Associação Sócio Cultural Companhia Cangapé em Macapá (AP) de forma a expandirmos nossa pesquisa teórico e prática junto à sociedade amapaense, haja vista que no estado do Amapá ainda tem poucas referências e estudos voltados a essas temáticas.

Ao longo destes estudos percebemos a necessidade de colocar em prática o conhecimento adquirido, então propomos uma cartilha prática com objetivo de expandir o acesso aos materiais industriais e alternativos, assim como aumentar as experimentações das técnicas a partir de oficinas nos grupos de teatro e contexto escolar amapaense. Concluímos que através da prática se chega no melhoramento de cada maquiagem artística, criação e próteses caseiras que só através de estudos e prática podem chegar ao perfeccionismo, com um bom acabamento desejado ao trabalho proposto.

A Cia Cangapé é um grupo parceiro do curso de teatro da UNIFAP, por ceder o seu espaço físico e alguns materiais de seu grupo aos trabalhos do curso. Nós precisávamos de um lugar que fosse adequado às necessidades de nossa pesquisa, como uma sala preta, iluminação, torneira para lavar a argila, dentre outros e ali pudemos contar com esta estrutura.

A oficina ocorreu em três etapas, a primeira foi **Maquiagem**, a segunda **Traje de Cena**, finalizando com a **Composição Final**. As aulas foram expositivas, dialogadas e práticas: apresentando o conteúdo da área de maquiagem e traje de cena e criamos métodos que deixassem o aluno livre para explorar sua criatividade.

No 1º dia foi apresentado um breve “Histórico da maquiagem”, aula totalmente expositiva com diálogos sobre conceitos, curiosidades e perguntas dos alunos acerca deste tema.

No 2º dia partimos para a prática “Face chart”, e como são alunos iniciantes na auto maquiagem o recomendado é que as primeiras práticas sejam desenvolvidas com materiais como lápis de cor e giz de cera sob o papel A4. Podendo-se desfrutar de suas criatividade com vários tipos de maquiagens. Os alunos desenharam seus face chart sendo a maioria maquiagem clown experimentando bastante cores quentes e frias. Alertamos os alunos a ficarem abertos para o mundo das maquiagens artísticas, onde é possível realizar várias criações através do face chart, que é um lugar de experimentações com cores, contrastes, desenhos, e maquiagens que imitam acidentes, queimaduras - muito usada em novelas e filmes- são possíveis de serem estudadas no face chart.

No 3º dia foi exposto e apresentado os “Materiais/Produtos básicos para iniciantes”:

- Espátula para coleta e mistura de bases, batons, curvex, tesourinha de ponta reta, pinça, escova para sobrancelhas, cola para cílios postiços, máscaras descartáveis, cotonetes, lenços de papel, algodão e álcool 70, solução para a limpeza de pincéis, pincéis e esponjas, pincel de base língua de gato, pincel de base, pincel de corretivo, pincel pequeno para sombras, pincéis padrão para sombra (dois), pincéis de aplicação para batom (dois), pincel para esfumar, pincel para iluminação e sombreamento, pincel chanfrado, pincel delineador, pincel para aplicação de pó, pincel para blush, esponjinhas de espuma ou silicone para aplicar base. Além de:
- Produtos para a pré-maquagem: Primer, demaquilante, tônico hidratante para todos os tipos de pele, tônico adstringente para todos os tipos de pele e hidratante labial.
- Produtos para a pele, a bases cremosas nas cores amarela clara, amarelada média, amarelada escura, rosada clara, rosada média e rosada escura (cores podem variar dependendo da marca. O importante é ter uma variedade abrangente para a cobertura de todos os tipos de pele), corretivos cremosos nas cores clara, média, escura, pele negra, amarela, verde, coral, laranja, vermelho e lilás, pó facial nas cores translúcida, amarelada média, rosada média, amarelada escura e rosada escura, blushes nas cores rosa claro, pêssego, laranja e terra, Pó bronzeador, iluminadoras nas cores dourado, prata e rosado, materiais para olhos e sobrancelhas, primer de sombra, lápis cremosos nas cores preta, marrom e bege, delineador líquido ou em gel preto, rímel preto e incolor, diversos pares de cílios postiços, paleta de sombras em tons neutros, como preto, prata, rosa claro e marrom, paleta de sombras coloridas (opte por uma boa variação de cores com tons mais discretos, pois tons vibrantes tendem a não ser muito utilizados), lápis para sobrancelha nas cores acinzentada e marrom escura, kit de sombras para sobrancelhas.
- Para os lábios: lápis nas cores de boca (vermelho e vinho), batons nas cores de boca (tom rosado), rosa claro, pêssego, bege claro, marrom, vermelho, vinho, laranja e pink, e gloss incolor.

No 4º dia foi uma aula teórica do sobre “argila e seus benefícios”. Ao se tratar de pele é importantes indicar e apresentar ao alunos não só produtos e cosméticos industrializados mas também apresentar materiais alternativos e naturais do nosso estado do Amapá, a exemplo da argila, que ainda é considerado um produto barato e não agressivo à pele, por conter várias funções inclusive promovendo uma limpeza profunda na pele, agindo diretamente nos poros

para remover os resíduos acumulados com o tempo. Apesar disso, ela deve ser usada com cautela, já que cada argila dependendo de sua coloração é composta por diferentes minerais.

No 5º dia exercitamos a “Prática da Maquiagem artística” com o objetivo de pôr em prática o que se foi desenhado/ elaborado pelos participantes na técnica do face chart e concretizar esses projetos de maquiagem através de materiais e produtos em seus rostos.

No 6º dia foi apresentado o “Conceito de traje de cena” um termo não conhecido pelo alunos da Companhia Cangapé. Este termo (traje de cena) atualmente vem sendo bastante empregado nas pesquisas acadêmicas em artes cênicas - popularmente conhecido como figurino e indumentária- onde a criação começa com a elaboração do croqui e posterior confecção dos trajes que serão vestidos por personagens, no caso do teatro. Neste dia, a culminância prática foi a elaboração de um croqui de traje de cena para futuras personagens que cada aluna gostaria de vestir.

No 7º dia de aula trabalhamos “Customização de roupas a partir de croquis”, sendo a customização a arte de fazer um traje de cena a partir de um roupa pronta, alterando aspectos desejados, podendo-se customizar com materiais alternativos, tais como, sacola plástica, escama de peixe, pratos e copo descartáveis, lã, jornais ou confeccionar trajes de cena com materiais oriundos de outros trajes de cena.

No 8º dia de aula fizemos a culminância com a “composição final”, onde fizemos um desfile expondo todos os trajes de cena construídos associados à maquiagem e adereços de livre escolha dos participantes para colaborar com a composição final de seus personagens e figuras.

O módulo Maquiagem foi mais extenso, precisou-se trabalhar 5 dias seguidos e o módulo Traje de Cena trabalhamos em 3 dias. Eram 3 horas e 20 minutos de aula por dia, e muitas vezes esperávamos os participantes chegarem da escola e de suas casas para assim iniciarmos todos juntos a aula que previa bastante atividades coletivas e compartilhamento de materiais.

O desejo de ofertar essa oficina surgiu da necessidade de sistematizar os nossos conhecimentos na área, aplicá-los de forma efetiva na sociedade e disponibilizar a “Cartilha de Maquiagem e Traje de cena” que apresenta os conceitos e técnicas desenvolvidas com adolescentes na Cia Cangapé, no bairro do Araxá, em Macapá (AP).

A experiência da oficina nos possibilitou a criação de uma cartilha artística e didática que auxiliasse os jovens artistas a solucionar dúvidas e ampliar curiosidades sobre estas duas áreas das artes cênicas. A Cia Cangapé desenvolve vários trabalhos artísticos, principalmente voltados para o circo e o teatro e por esta razão resolvemos nos tornar suas parceiras através desta oficina de forma a colaborar com o aprimoramento estético e execução técnica de maquiagem e traje de cena.

Nosso intuito foi impulsionar artistas, grupos, estudantes e demais interessados em conhecer, praticar e desenvolver suas próprias maquiagens e trajes de cena a partir desta experiência/cartilha, para que novos pesquisadores, figurinistas, maquiadores, visagistas, entre outros profissionais da arte, possam surgir no estado do Amapá, bem como publicações de conteúdos e socialização de experiências que aprofundem essas áreas das artes cênicas, possibilitando assim, uma maior circulação e visibilidade para pesquisas e referências em maquiagem e traje de cena na Amazônia e em todo o país.

Com o passar dos anos a maquiagem e traje de cena no estado do Amapá tiveram suas pesquisas sendo impulsionadas na prática por grupos como o Imagem e Cia e aos poucos esses dois elementos no teatro local vem se tornando áreas de grande profissionalização e conquistando seu espaço no mercado artístico e estético amapaense. No entanto vale ressaltar que até o momento ainda é baixa a quantidade de publicações de pesquisas sobre a maquiagem e traje de cena nos espetáculos dos grupos teatrais do Amapá, mesmo com a existência de grupos que resistem artisticamente há mais décadas na cena local.

Esse panorama de escassez de referências sobre a prática e a memória do fazer artístico dos grupos amapaenses vem sofrendo mudanças com os esforços de professores e alunos do curso de Licenciatura em Teatro da UNIFAP (Universidade Federal do Amapá), implantado em 2014 e desde então tem se debruçado em também olhar para a realidade local e dar visibilidade para pesquisas de artistas e grupos locais que historicamente contribuem com suas experiências e práticas para o fortalecimento e enriquecimento da cena artística local.

CONCLUSÃO

Por meio dos aspectos analisados concluímos que a maquiagem e o traje de cena são elementos fundamentais na composição de um espetáculo teatral, auxiliando na criação de personagens e compreensão deles pela plateia que os percebe dentro de um conjunto de outros elementos da encenação (iluminação, cenografia, traje de cena, maquiagem, sonoplastia, dramaturgia, interpretação, encenação, etc).

Ressaltamos a importância da pesquisa de criação do traje de cena e maquiagem, não ocorrerem apenas na fase final da montagem de um espetáculo teatral, mas, se possível, desde o início do processo criativo dos laboratórios de criação das personagens e em estreito diálogo com a direção e os atores.

No espetáculo “A ERA” as construções dos trajes de cena e maquiagens foram estudadas desde o início da criação para que todos os atores e atrizes pudessem ter um pouco de conhecimento sobre o assunto, explorando o período estudado da peça que foi no século XIX.

No espetáculo “Os viajantes” fundamentou-se a pesquisa em criação coletiva, seguindo a proposta do diretor, para que a construção da maquiagem e traje de cena também fosse proposta pelo elenco.

Diante disso, percebemos que o grupo Imagem e Cia é composto por artistas de diferentes linguagens artísticas na qual tentam mostrar também que é possível fazer teatro com aprofundada pesquisa cênica visual, sem perder a essência do diálogo com dramaturgias, experimentações diversas para o trabalho do ator e principalmente, sem perder a busca por criações de espetáculos que se aventurem a desenvolver pesquisas e diálogos outras linguagens artísticas e temas contemporâneos.

Haja vista que a sociedade atual é muito imagética, e que nos instiga a sermos alfabetizados não apenas em textos, mas também em leitura de imagens, o trabalho do grupo nos estimula a outras formas de compreensão do mundo através de suas experiências cênicas, e este é um valor inestimável que faz o Imagem e Cia ser reconhecido também fora do Amapá, não apenas pela sua atuação na área do teatro, mas também na performance com estátuas vivas.

O grupo tem grande contribuição na área de maquiagem e traje de cena no Amapá, e uma das razões é a sua busca por formas alternativas de continuarem resistindo com seu trabalho em arte a mais de 10 anos.

É muito plausível a iniciativa do grupo em buscar soluções na linguagem de maquiagem e traje de cena de maneira alternativa, visto a dificuldade de conseguirem patrocínio para seus trabalhos. O engajamento do grupo está em perceber a potência artística na criação a partir da reciclagem de materiais, customização de peças de roupas do cotidiano e uso de recursos naturais da Amazônia, como a argila (encontrada em grande quantidade nas margens dos rios da região) para assim desenvolverem suas pesquisas em maquiagem e traje de cena.

O Amapá fica localizado em territórios amazônicos, rico em recursos naturais, realidade esta possível de ser mais pesquisada pelos grupos artísticos locais a fim de se criar visualidades e pesquisas estéticas de ressignificação de materiais naturais que dispomos em nossas terras, florestas, rios e etc.

Ao longo de nossos diálogos com o grupo Imagem e Cia nos foi relatado que futuramente ele pretende fortalecer a permanência dos seus integrantes no grupo, e com isso, buscarão novos conhecimentos para o crescimento e qualidade de suas produções artísticas.

Assim, é preciso que o grupo cada vez mais solidifique suas estratégias de produção cultural, promovendo investimentos em pesquisa, espetáculos e performances em repertório, bem como ampliando seus diálogos e parcerias com maquiadores, figurinistas, visagistas, iluminadores, cenógrafos e outros profissionais que possam auxiliá-los e trabalhar conjuntamente no aprimoramento técnico e estético de suas produções artísticas.

Com base na pesquisa feita sobre o grupo constatamos na realidade local amapaense a carência de publicações e referências voltadas para a área de maquiagem e traje de cena nos espetáculos dos grupos de teatro amapaense, e por conta disso, fizemos uma pesquisa de campo desenvolvendo uma oficina de maquiagem e traje de cena que culminou na sistematização de uma Cartilha sobre essas duas áreas da arte teatral, e que, complementa esta nossa pesquisa acadêmica enquanto um manual acessível de conteúdos e técnicas que podem ser executadas por qualquer pessoa interessada.

Vale salientar, no entanto, que nossa pesquisa pode e deve ser aprofundada nestas áreas. Nosso desejo é despertar nos leitores a curiosidade, a valorização de nossa cultura amazônica, dos profissionais das técnicas teatrais (principalmente os maquiadores e figurinistas), memória e riquezas locais, além de novas possibilidades de interação e transformação a partir do aprofundamento e ampliação dos conceitos e práticas apresentados aqui.

BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR, T. **Personal Stylist: guia para consultores de imagem.** São Paulo: Editora SENAC, 2003.
- CEZIMBRA, Márcia. **Maquiagem: Técnicas referências e atuação profissional.** Editora: Senac SP, Ano: 2017.
- COELHO, Marcelo. **Grande Viagem de Merlin é encantador,** São Paulo, folha de São Paulo, 1995.
- MACIEIRA, Clarice. **O Figurino como objeto sensível na criação do espetáculo “Sob os Olhos dos Outros”**, trabalho final do Curso de Graduação em Teatro da EBA- UFMG, ano: 2013.
- MAGALHÃES, Mona. **Processos e procedimentos criativos para a produção de espessuras corporais.** Rio de Janeiro: Unirio; Professora Adjunto. Atriz e caracterizadora. VII congresso da ABRACE- Belo Horizonte/ UFMG – 2014.
- PAVIS, Patrice. **Dicionário do Teatro.** São Paulo: Perspectiva, 2007. , **A análise dos espetáculos: teatro, mímica, dança, cinema.** São Paulo: perspectiva, 2015.
- RIBEIRO, Graziela; **MAQUIAGEM E TRAJE DE CENA: Percepções e atravessamentos.** 12º Colóquio de Moda – 9ª Edição Internacional 3º Congresso de Iniciação Científica em Design e Moda 2016.
- SAMPAIO, José Roberto Santos. **A maquiagem nas formas espetaculares.** Salvador: UFBA. Professor, diretor, maquiador e figurinista. Anais do VII congresso da ABRACE- Porto Alegre- Outubro de 2012.
- SEIVEWRIGHT, Simon. **Fundamentos de design de moda: pesquisa e design.** Porto Alegre: Bookman, 2009.
- VIANA, Fausto e BASSI, Carolina/ Org. **traje de cena, traje de folguedo.** São Paulo: estação das letras e cores, 2014, **O traje de cena como documento.** São Paulo: estação das letras e cores, 2015; PEREIRA, Dalmir Rogério. **Figurino e cenografia para iniciantes.** São Paulo Estação das Letras e Cores, 2015.

SITES PESQUISADOS

- Conferência Rio 92. Disponível

em: <https://www.senado.gov.br/noticias/Jornal/emdiscussao/rio20/a-rio20/conferencia-rio-92- sobre-o-meio-ambiente-do-planeta-desenvolvimento-sustentavel-dos-paises.aspx>. Acessado em 20/11/2019. Constantin Stanislavski.

Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Constantin_Stanislavski. Acesso em: 21/11/2019 as 09:41

- Fernando Pompeu. Disponível em

<http://makeupartistica.blogspot.com/2011/06/importancia- da-maquagem-artistica.html>.

Acessado em 12/06/19

- Lauro Chart Pereira e Marco A. F. Gomes. Disponível em:

<https://www.ecodebate.com.br/2017/12/19/4-rs-da-sustentabilidade-repensar-reduzir-reutilizar-e-reciclar-por-lauro-charlet-pereira-e-marco-antonio-ferreira-gomes/>

Acessado em 15/05/19.

- O corpo como tela: body art e pintura corporal. Disponível

em: <http://www.revistacapitolina.com.br/body-art-pintura-corporal/>. acessado em 01/02/2020 às 20:19

- Pó de Anjo . Disponível em :

<https://www.frutodearte.com.br/material-artesanato/purpurina/purpurina-em-po-ouro-vintage-150g-cromacolor.html> . Acessado em 14/ 01/ 2020 as 16h00.

- Robson Trindade e Tania Trindade: Disponível em

<https://educacaoavisagismoeprojetos.com.br/o-que-e-visagismo/> Acessado em 18/ 11/19.

- Ronaldo Fraga. Disponível em: <http://coisaseideias.com/2015/04/artesanato-meio-ambiente-e-luxo-desfile-de-ronaldo-fraga/>. Acessado em 08/11/2019.
- Visagismo. Disponível:
<https://www.google.com/search?q=visagismo+o+que+%C3%A9&oq=visagismo&aqs=chrome.2.69i57j0l7.6513j1j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acessado em 14/ 01/ 2020 as 10h00.